

## ENTRE O DEÔNTICO E O EPISTÊMICO: O CARÁTER CAMALEÔNICO DO VERBO MODAL ‘PODER’

Sueli Costa<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho, eu analiso diferentes possibilidades de uso do verbo *poder*, partindo das propostas teóricas, de cunho funcional, de Sweetser (1990), Coates (1995), Givón (2001) e Traugott; Dasher (2005), para os verbos modais. A pesquisa foi baseada na análise do verbo *poder* em textos orais e escritos, produzidos por jovens estudantes catarinenses. Tal análise busca mostrar que, no corpus analisado, diferentemente do que defendem alguns autores, o auxiliar modal em questão não tem como característica a ambiguidade, uma vez que ela pode ser resolvida com base no contexto em que é utilizado, mas sim a multifuncionalidade.

**Palavras-chave:** modalidade, ambiguidade, multifuncionalidade

**ABSTRACT:** In this work I analyze different possibilities to use *poder* as a modal verb taking as starting points some functional approaches to modal verbs, such as Sweetser's (1990), Coates' (1995), Givón's (2001) and Traugott; Dasher's (2005). The research was based on the use of *poder* in oral and written texts produced by young students from Santa Catarina state, Brazil. The analysis intends to show that, considering the analyzed corpus and differently from what some authors defend, *poder* is not ambiguous, since it is possible to consider the context in which this verb appears. Rather, it is multifunctional.

**Keywords:** modality, ambiguity, multifunctionality

### Introdução

Quando se trata do estudo do uso dos verbos em uma determinada língua, a questão dos auxiliares modais tem despertado o interesse de muitos pesquisadores de diferentes linhas teóricas. Chamo a atenção, inicialmente, para a questão conceitual que envolve os termos *verbo modal*, *modo verbal* e *modalidade*. O verbo modal (*dever*, *poder*, *ter que*, entre outros), assim como o modo verbal (indicativo, subjuntivo, imperativo), é um dos recursos gramaticais disponíveis para expressar a modalidade em português. A modalidade é uma categoria linguística mais ampla que “codifica a *atitude do falante* em relação à proposição” (GIVÓN, 2001, p. 300). Enquanto o modo é expresso morfológicamente no verbo, a modalidade envolve o contexto

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Lingüística (UFSC/CNPq). Agradeço à Profª Drª Edair Maria Görski pelas valiosas contribuições.

semântico-pragmático, já que leva em conta a atitude do falante em relação ao conteúdo daquilo que é enunciado, podendo ser expressa por meio de diferentes mecanismos linguísticos<sup>2</sup>. Considero, pois, que a modalidade se manifesta na interação verbal, para dar conta dos propósitos comunicativos dos interlocutores, não se restringindo, como poderia parecer à primeira vista, à categoria do verbo. Nesse sentido, o contexto é imprescindível no momento de interpretar o quanto de comprometimento há por parte do falante/escrevente em relação ao que é dito/escrito.

Numa perspectiva funcional, alguns estudiosos como Sweetser (1990), Coates (1995), Givón (2001) e Traugott & Dasher (2005) destacam-se na análise da interpretação da modalidade em seus aspectos deontico/avaliativo – que envolve valores como *desejo, preferência, intenção, obrigação, manipulação, habilidade*; e/ou epistêmico – que envolve valores como *verdade, probabilidade, certeza, crença, evidência* (GIVÓN, 2001, p. 300). É importante salientar que há quem considere *habilidade/capacidade* como uma terceira modalidade<sup>3</sup>. Por essa razão, na análise dos dados efetuada adiante, a modalidade deontica será subcategorizada como ‘capacidade/habilidade’ e ‘permissão/obrigação’.

De acordo com alguns autores (Sweetser, por exemplo), os verbos modais são considerados ambíguos, pois ora estão relacionados ao mundo deontico, ora ao mundo epistêmico. Já outros como Lyons (1977 *apud* Sweetser) e Lakoff (1972 *apud* Sweetser) defendem a ideia de que os verbos são diferentes entre si, exercendo cada um o seu papel e sendo, por isso, tratados como casos de homonímia<sup>4</sup>. Da mesma forma, Lobato (1979 *apud* Vieira) também afirma que os verbos modais têm valores semânticos diferentes e que, portanto,

---

<sup>2</sup> Outros recursos linguísticos usados para expressar a modalidade são: verbos de significação plena (ex.: *achar, acreditar, parecer*); advérbios (ex.: *certamente, provavelmente, talvez*); adjetivo predicativo (ex.: *é possível, é preciso, é provável*); categorias gramaticais como tempo verbal (ex.: ‘eu *poderia* fazer X’ – futuro do pretérito). Outros exemplos e maiores esclarecimentos podem ser vistos em Moura Neves (2002).

<sup>3</sup> Cabe aqui uma observação quanto à terminologia. Traugott; Dasher (2005) chamam a atenção para o fato de que (i) Bybee (1985) usa o termo ‘modalidade orientada para o agente’ para englobar todos os sentidos de modais que envolvem obrigação, desejo, habilidade, permissão e possibilidade deontica; (ii) Coates (1983) e Sweetser (1990) utilizam o termo ‘raiz’ (*root*) para contextos de modalidade deontica, incluindo habilidade; (iii) Palmer (1990 [1979]) e Plank (1984) observam que a modalidade habilidade/capacidade é também conhecida como modalidade ‘dinâmica’ ou modalidade ‘facultativa’. Assim, o que se pode perceber é que alguns autores inserem ‘habilidade’ no âmbito da modalidade deontica, e outros, como Traugott; Dasher (2005), tratam de três modalidades distintas: *habilidade/capacidade, deontica e epistêmica*.

<sup>4</sup> Segundo Sweetser (1990), ao tratarem os modais como caso de homonímia, Lyons e Lakoff revelam acreditar que epistêmico e deontico não são relacionados sincronicamente, uma vez que o primeiro é tratado como combinação de operadores lógicos, enquanto o segundo como predicados lexicais envolvendo força ou obrigação.

não se pode dizer que sejam ambíguos. Givón e Coates, por sua vez, admitem a existência de uma gradação de significados entre as modalidades deôntica e epistêmica, até mesmo uma sobreposição ou mescla em alguns casos, já que ambos os tipos partilham a modalidade *irrealis* e têm, historicamente, a mesma origem.

Trata-se, afinal, de um caso de homonímia ou de ambiguidade? Ou se trata de um *continuum* de valores que apresenta sobreposições em algumas ocorrências?

Essa foi a questão geral que motivou este artigo. A hipótese que procuro verificar é de que não se trata de homonímia, e que eventuais ambiguidades podem ser resolvidas com base no contexto discursivo, pois o que ocorre é uma situação de expansão polissêmica, com casos de sobreposição de significados, caracterizando a multifuncionalidade do item<sup>5</sup>.

Os dados analisados servirão para mostrar que: (i) não há ambiguidade em relação ao uso do verbo *poder* (deôntico ou epistêmico), podendo haver, sim, uma mescla desses dois valores, constituindo o que Coates (1995) denomina de “fusão” (*merger*); (ii) o contexto é um fator imprescindível para a interpretação adequada do uso desse verbo; (iii) o que existe é um caráter multifuncional – ‘camaleônico’ – do ‘poder’, que faz com que ele seja empregado em contextos diversos, adaptando-se a cada um deles para desempenhar o papel que lhe é atribuído pelo falante/escrevente e interpretado pelo ouvinte/leitor.

A seguir, me detenho um pouco mais na distinção conceitual entre modalidade deôntica e epistêmica e aponto alguns valores que têm sido atribuídos ao modal *poder* em português (seção 1), procedo à análise dos dados (seção 2) e, por fim, teço algumas considerações em relação ao ensino de língua portuguesa (seção 3).

## **1 Sobre as modalidades deôntica e epistêmica**

---

<sup>5</sup> Koch (1987) chama a atenção para o fato de que, na língua portuguesa, o verbo *poder* é um dos que apresenta maior número de significados, tanto no âmbito semântico quanto no de força ilocucionária. A autora também observa que, apesar de as gramáticas apresentarem esse verbo como auxiliar, suas características (poder ser empregado como verbo principal e nem sempre admitir voz passiva, por exemplo) podem fazer surgir alguns problemas em torno dessa classificação. No entanto, seguindo a linha dos autores que fundamentam este trabalho, vou considerá-lo como auxiliar modal.

Com o objetivo de aprofundar a discussão em torno do verbo modal *poder*, mais especificamente sobre sua multifuncionalidade, nesta seção são trazidas ideias de alguns autores que buscam definir as modalidades deôntica e epistêmica. Como veremos a seguir, nem sempre é uma tarefa fácil delimitar as fronteiras entre essas modalidades.

Do ponto de vista da lógica, segundo Palmer (1986), os tipos essenciais de modalidade são necessidade e possibilidade. Na perspectiva da linguística, entretanto, são identificados três tipos: o deôntico, o epistêmico e o da habilidade/ capacidade<sup>6</sup>. Nessa linha, TRAUGOTT; DASHER (2005) fazem a distinção apresentada abaixo, considerando os modais do inglês, que pode ser adaptada ao português.

A modalidade deôntica envolve obrigação ou compulsão. Tipicamente tem sua origem em normas morais ou sociais, numa pessoa com autoridade, ou em alguma ‘compulsão interna’. As origens da modalidade deôntica podem ser, portanto, externas ou internas ao sujeito obrigado, autorizado ou aconselhado a fazer algo. É a “linguagem como ação” (PALMER 1986, p. 121 *apud* TRAUGOTT; DASHER, 2005). Exemplos:

(1) Jane *must* go. (I require Jane to go.)  
Jane *deve* ir. (Eu ordeno a ela que vá.)

(2) Jane *may* go.  
Jane *pode* ir. (Eu permito que ela vá.)

A modalidade epistêmica tem relação com o conhecimento e crença (em oposição ao fato). Sua origem é usualmente o falante, que conclui a partir de evidências se a proposição é verdadeira ou não. Expressões epistêmicas são usadas para expressar o grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição. Exemplos:

(3) Jane *must* be tired.

Jane *deve* estar cansada. (‘A evidência me sugere que Jane está cansada, então concluo que Jane está cansada.’ – grau maior de certeza)

(4) Jane *may* be tired.

Jane *pode* estar cansada. (‘Penso que é possível que Jane esteja cansada.’ – grau menor de certeza)

---

<sup>6</sup> Conforme já apontado, os tipos deôntico e epistêmico são costumeiramente os mais reconhecidos no âmbito da modalidade, sendo o terceiro tipo ‘habilidade/capacidade’ inserido na modalidade deôntica.

A modalidade habilidade/capacidade constroi-se em termos de ausência ou presença de barreiras<sup>7</sup> ou restrições. Exemplo:

(5) Jane *can* swim.

Jane *pode* nadar. ('Ela sabe nadar, está apta a nadar; nada a impede de nadar.')

Sweetser (1990), por sua vez, associa as modalidades ao mundo externo e ao mundo interno: caracterizam-se como raiz (*root*) aqueles sentidos que denotam obrigação, permissão ou habilidade, no âmbito do mundo real; e como epistêmicos os que denotam necessidade, possibilidade ou probabilidade, no âmbito da razão. Assim, estariam no “mundo externo” os eventos relacionados ao mundo real (da ação) e no “mundo interno” aqueles ligados à razão. Devido a isso, existem situações nas quais a fronteira entre o deontico e o epistêmico é bastante tênue, podendo gerar, segundo a autora, ambiguidade, como ocorre nos seguintes exemplos, dados por ela:

(6) John *must* be home by ten. (obrigação, permissão = deontico)

João *deve* estar em casa até as 10h.

(7) John *must* be home already. (probabilidade, possibilidade = epistêmico)

João já *deve* estar em casa.

Em (6), percebemos que o modal *must* denota, no mundo deontico, uma obrigação, como se alguém tivesse permissão para ficar fora de casa somente até as dez horas e devesse, obrigatoriamente, chegar até o horário estipulado. Já em (7), apesar de o verbo modal ser o mesmo, ele denota não mais uma obrigação como no primeiro caso, mas uma crença, possibilidade ou probabilidade, tendo relação, portanto, com o mundo epistêmico. Como podemos perceber, essas mesmas interpretações podem ser atribuídas aos dados correspondentes em português.

---

<sup>7</sup> A idéia de barreiras é utilizada por Sweetser (1990), a partir da teoria de “force-dynamics” de Talmy (1988), a qual sugere que a modalidade envolve forças intencionais (autoridade) afetando escolhas. Assim, nos modais de obrigação, as escolhas seriam restringidas pela imposição de barreiras; já nos modais de habilidade e permissão, as escolhas seriam ampliadas pela suspensão de barreiras. (TRAUGOTT; DASHER, 2005)

Os principais autores que embasam teoricamente este trabalho – Sweetser (1990), Coates (1995), Givón (2001) e Traugott & Dasher (2005) – concordam que, historicamente, certos verbos plenos expandem seu uso como modais no mundo deôntico e, mais tarde, estendem-se ao mundo epistêmico também, seguindo a trajetória: verbo pleno > auxiliar modal deôntico > auxiliar modal epistêmico<sup>8</sup>.

Esse *continuum* que se verifica na passagem da modalidade deôntica para a epistêmica também se manifesta na distribuição gradiente de valores no âmbito de cada modalidade. Nos termos de Neves (2002), no eixo deôntico/avaliativo, o julgamento se manifesta no “*continuum* que vai do absolutamente *obrigatório* ao *permitido*” (p. 196), com um controle “intrínseco” dos eventos. Já no eixo epistêmico, o julgamento “se situa em algum ponto do *continuum* que, a partir de um limite preciso, onde está o (absolutamente) *certo*, se estende pelos limites e indefinidos graus do *possível*” (p.187); trata-se de um julgamento “extrínseco”.

A modalidade deôntica, com seu caráter de “linguagem como ação” (PALMER, 1986), ancorada no mundo exterior (SWEETSER, 1990), apresenta naturalmente um componente pragmático. Givón, ao redefinir as modalidades epistêmicas tradicionais em termos de seus equivalentes comunicativos<sup>9</sup>, conforme exposto no quadro a seguir, deixa evidente a possibilidade de atribuir interpretação pragmática também ao eixo epistêmico, considerando as metas comunicativas dos participantes de uma *transação comunicativa* – o falante (F) e o ouvinte (O).

Tradição lógica	Equivalente Comunicativo
a. verdade necessária	pressuposição
b. verdade factual	asserção <i>realis</i>
c. verdade possível	asserção <i>irrealis</i>
d. não-verdade	asserção negativa

(GIVÓN, 2001, p. 301)

<sup>8</sup> Sweetser (1990) acredita que o mundo deôntico se desenvolve primeiro em relação ao epistêmico (inclusive na fala das crianças) porque nós geralmente usamos a língua do mundo exterior para aplicar ao mundo interior. Isso porque a estrutura do nosso mundo interior está, segundo ela, construída metaforicamente de forma paralela ao mundo exterior. Desse modo, nosso processo argumentativo está sujeito a compulsões e obrigações da mesma forma que nossas ações do mundo real.

<sup>9</sup> Givón redefine as modalidades epistêmicas da lógica (que trata a modalidade como propriedade das proposições apenas), inspirando-se em filósofos como Austin, Searle e Grice.

Assim, quando se trata de tradição lógica, o contraste entre *realis/irrealis* equivale ao contraste entre eventos reais e irrealis (com ou sem valor de verdade). Em contrapartida, quando a definição é feita com base em termos cognitivos e comunicativos, o foco do contraste é modificado. Cognitivamente, passa-se da verdade lógica para questões de certeza subjetiva e, comunicativamente, da semântica orientada para o falante para a pragmática interativa que envolve a negociação social entre falante e ouvinte.

A interpretação comunicativa/pragmática das quatro modalidades busca resgatá-las em termos de estados epistêmicos e objetivos comunicativos tanto do falante quanto do ouvinte. De acordo com Givón, a reformulação ficaria da seguinte maneira:

<b>Pressuposição</b>	Admitida como verdadeira e aceita por todos os envolvidos na situação de comunicação; não é contestada.
<b>Asserção <i>realis</i></b>	Pode ser contestada, embora seja fortemente asserida pelo falante e possa ser defendida por ele;
<b>Asserção <i>irrealis</i></b>	Asserida como possível, provável ou incerta (sub-modos epistêmicos) ou necessária, desejada ou indesejada (sub-modos deônticos). Há possibilidade de ser contestada, o que é esperado e/ou até solicitado;
<b>Asserção negativa</b>	Tida como falsa (contradiz crenças explícitas ou assumidas pelos ouvintes).

Portanto, se interpretamos a modalidade nos moldes comunicativos, levamos em consideração a presença do falante e do ouvinte. O primeiro, através de recursos linguísticos pode deixar transparecer na proposição o seu grau de envolvimento com relação ao que é dito. Já, ao segundo, é atribuída a “tarefa” de interpretar o grau de modalidade que a proposição carrega. Então, a modalidade passa a ser interpretada como parte de uma situação interativa entre falante(s) e ouvinte(s), o que também acaba dependendo do grau de capacidade do falante para revelar de maneira clara, através da linguagem, seu nível de envolvimento com o conteúdo da asserção e, no caso do ouvinte, sua capacidade para interpretá-la adequadamente.

De acordo com Coates (1995), a diferença entre raiz e epistêmico não é algo tão simples, pois ultrapassa os limites de distinção entre necessidade/obrigação e possibilidade/missão. Além disso, é importante destacar que existem formas linguísticas, no caso verbos modais, que

servem tanto para expressar modalidade deôntica quanto epistêmica, como ocorre em inglês com *may* e *must*, por exemplo.

Ainda segundo Coates (1995), uma das consequências linguísticas que observamos quando o contraste entre raiz (deôntico) e epistêmico não é muito acentuado é a “fusão” (*merger*) e que, entre outras situações, comumente surge quando a mesma forma linguística expressa tanto um valor de raiz quanto um valor epistêmico. Para ela, nos casos em que existem duas possibilidades de interpretação para o mesmo enunciado, o interlocutor pode processar ambas<sup>10</sup>, como acontece frequentemente no discurso formal acadêmico. A ocorrência a seguir é analisada por Coates (1995, p. 62):

(8) [...] or the pollen *may* be taken from the stamens of one rose e transferred to the stigma of another.

[...] ou o pólen *pode* ser tirado dos estames de uma rosa e transferido para o estigma de outra.

No exemplo, há possibilidade de o ouvinte interpretar o enunciado a partir de dois significados que dele emergem: (i) o primeiro, deôntico (‘é possível ao pólen ser retirado’) e (ii) o segundo, epistêmico (‘é possível que o pólen seja tirado’).

Sendo assim, se temos de um lado a distinção que os autores buscam fazer entre a modalidade deôntica, a epistêmica e, algumas vezes, a de habilidade/ capacidade, temos, por outro, a dificuldade de interpretação, principalmente quando um mesmo item – em nosso caso, o verbo modal *poder* – é o responsável por imprimir um leque de valores semântico-pragmáticos no contexto em que ocorre.

De acordo com Koch (1987), tanto no âmbito semântico quanto no de força ilocucionária, o verbo *poder* é um dos que apresenta maior número de significados em língua portuguesa. No primeiro caso, podem ser atribuídos a ele diferentes sentidos: permissão, possibilidade, capacidade, entre outros. Se considerarmos também a força ilocucionária será possível, segundo a autora, identificarmos vários outros significados relacionados a esse verbo: oferecimento, ordem, comando, pergunta, solicitação, entre outros e, ainda, diferentes graus de polidez.

---

<sup>10</sup> Nesse caso, não se trata de ambiguidade, pois o ouvinte não escolhe somente um dos significados possíveis; ele pode processar simultaneamente o significado raiz e o epistêmico.



Lobato (1976 *apud* Vieira) também salienta que *poder* possui outros valores semânticos além de possibilidade, permissão e capacidade: eventualidade ('Podia ser uma hora da madrugada'), sugestão ('Até que você podia ir sozinha') ou ordem ('Pode ir plantar batata'), somando-se a outros, tais como: de predição, promessa ('Você pode contar com um aumento de ordenado para o próximo mês') ou pedido de informação, pedido de ação ('Você pode limpar o escritório?').

Assim, é possível perceber que não se pode contar com formas fixas de interpretação do verbo *poder*. Deve-se considerar que nele estão embutidas diversas possibilidades de interpretação e que os valores que ele assume dependem dos enunciados nos quais está sendo utilizado. Portanto, o caráter semântico-pragmático da modalidade que é interpretada no contexto discursivo passa a ser de extrema importância para a análise que realize a seguir. Além disso, a facilidade com que o verbo *poder* se adapta às mais variadas situações revelará que, na amostra examinada, a exemplo do que Coates (1995) afirma, quando uma mesma forma linguística expressa tanto a modalidade raiz quanto a epistêmica, é comum surgirem instâncias de fusão (*merger*).

## **2 Análise dos dados**

Os dados que fazem parte desta análise são provenientes de textos orais e escritos produzidos por jovens de Florianópolis com idade de 10, 14 e 17 anos, estudantes da quarta e oitava séries do Ensino Fundamental e do terceiro ano do Ensino Médio, respectivamente. No total, foram seis informantes do sexo masculino e seis do sexo feminino (dois de cada sexo, por faixa etária) que produziram 60 textos (30 orais e 30 escritos). Foram feitas gravações com cada um dos alunos pedindo-lhes (i) que contassem uma história vivida por eles; (ii) que contassem uma história que ouviram de alguém; (iii) que descrevessem um lugar ou pessoa de quem gostassem; (iv) que explicassem como se faz algo; e, por último, (v) que dessem sua opinião a respeito de algum assunto que lhes despertasse interesse. Depois disso, após alguns dias e

obedecendo aos mesmos comandos dados durante as gravações, foi pedido que escrevessem sobre os assuntos a respeito dos quais haviam falado.<sup>11</sup>

Para esta análise, foram selecionadas 50 (cinquenta) ocorrências do verbo *poder*, escolhidas aleatoriamente: 25 dados de fala e 25 de escrita – apresentadas no quadro em anexo. Essas ocorrências foram categorizadas segundo os seguintes fatores: tipo de modalidade (deôntica, subespecificada como ‘habilidade/capacidade’ e ‘permissão/obrigação’; epistêmica; e deôntica/epistêmica); tipos de texto (narrativo, descritivo, opinativo e procedural); fala/escrita; e animacidade do sujeito. O controle desses fatores permitiu uma descrição mais acurada do funcionamento do modal *poder*, com vistas a verificar, inicialmente, se haveria, no *corpus* em questão, casos de homonímia, de ambiguidade ou de multifuncionalidade do verbo<sup>12</sup>.

Além disso, as seguintes questões, derivadas da questão geral apresentada na Introdução deste artigo, orientaram a análise: (i) qual o tipo de modalidade mais frequente? (ii) há relação entre o tipo de modalidade e o tipo textual? (iii) há diferenças significativas em relação à fala e escrita? (iv) quanto à animacidade do sujeito, o que se pode observar em relação aos tipos de modalidade?

A análise mostrou, entre outros resultados, que enquanto em alguns casos o verbo está claramente em contexto deôntico ou epistêmico (exemplos 9 e 10, respectivamente), em outros existe a possibilidade de serem atribuídas duas interpretações, como no exemplo (11):

(9) [10]<sup>13</sup> Ingenuamente, ele entrou atrás do balcão, calmamente olhando e procurando a peça que precisava achar, mexendo nas peças que não *podia* mexer, isso sem contar que por onde ele entrou no balcão havia uma placa dizendo ‘somente funcionários’. (eM3p)

(10) [3] ... daí eu me segurei na alavanca e daí abriu a porta. Daí o meu irmão começou a me segurar. Daí o meu irmão me largou e eu me segurei onde lá o vidro fica, mas daí sorte que o vidro tava abaixado. Se eu soltasse, eu *poderia* me machucar, que eu ia me arrastar no chão. (fM4p)

---

<sup>11</sup>Esse procedimento de coleta de dados inspirou-se na metodologia do grupo de pesquisa Discurso & Gramática/UFRJ.

<sup>12</sup> Dado o número relativamente reduzido de dados, a análise, embora mostre alguns resultados frequenciais, é de caráter mais qualitativo.

<sup>13</sup> O número entre colchetes corresponde ao dado no anexo.

(11) [2] Nosso Brasil está com grande avanço de drogas. As drogas são uma coisa muito ruim; *pode* levar até uma pessoa à morte. (fF4o)

Em (9), temos um contexto deôntico, uma vez que envolve permissão/ proibição. O fato de o sujeito estar em um ambiente de comércio (loja de ferramentas) acarreta regras de convivência entre os indivíduos e, portanto, o que lhes é permitido/proibido fazer naquele ambiente.

Já a situação que aparece em (10) mostra o uso do verbo ‘poder’ (*poderia*) como resultante do que o falante julga ser possível de acontecer, tomando como base sua experiência de mundo. Em outras palavras, ele, a partir de algum conhecimento prévio, foi capaz de inferir que poderia se machucar, caso caísse do carro.

Diferentemente do que ocorre em (9) e (10), em que se tem condições de atribuir uma interpretação deôntica e epistêmica, respectivamente, (11) traz à tona a possibilidade das duas interpretações, de modo simultâneo:

(11’) É possível às drogas levarem uma pessoa à morte.

(11’’) É possível que as drogas levem uma pessoa à morte.

Assim como ocorreu em vários outros dados na amostra analisada, em (11) o ouvinte não selecionaria obrigatoriamente apenas uma das interpretações, mas poderia processar tanto (11’) quanto (11’’), mostrando que poderíamos descartar a idéia de ambiguidade e pensar, então, na sobreposição de funções ou na multifuncionalidade do verbo. Considerando essas três possibilidades de leitura modal, os resultados a seguir ilustram a distribuição dos dados, de acordo com o *tipo de modalidade*:

Tipo de Modalidade	Nº de ocorrências	%
Deôntica: habilidade/capacidade	3	6
permissão/obrigação	11	22
Epistêmica	8	16
Deôntica/epistêmica	28	56
Total	50	100

**Tabela 01:** Distribuição das ocorrências de *poder* segundo *tipo de modalidade*

Os percentuais da tabela 1 evidenciam que, no *corpus* analisado, houve baixa frequência no uso do verbo modal *poder*, na modalidade epistêmica (16%). O resultado mais surpreendente é o que revela a alta produtividade de ocorrências de fusão (56%), como acontece no dado (11) e também nos exemplos a seguir:

(12) [47] ... tem que ser falado porque tem pessoas que não se conscientizam que ela [a droga] *pode* acabar com sua vida (eF8o)

(12') ... é possível à droga acabar com a vida de alguém... (Ela tem capacidade para acabar com a vida de alguém)

(12'') Dado o perigo que as drogas representam, é possível que isso ela acabe com a vida de alguém.

(13)[50] *Pode-se* concluir que enquanto houver divisão de classes, vai haver injustiça. (eF3o)

(13') É possível às pessoas concluírem que vai haver injustiça.

(13'') É possível que as pessoas concluam que vai haver injustiça.

Uma vez constatada a distribuição dos 50 dados quanto ao tipo de modalidade, analisamos a multifuncionalidade de *poder* considerando os *tipos de texto*. Os percentuais de ocorrência estão distribuídos na tabela que segue:

Tipo de Modalidade	Descrição 20% (10/50) Nº de ocor. %		Procedimento 28% (14/50) Nº de ocor. %		Narrativa 24% (12/50) Nº de ocor. %		Opinião 28% (14/50) Nº de ocor. %	
	<b>Deontica: habilidade/capacidade</b>	–		1	7,15	2	16,7	-
<b>permissão/obrigação</b>	–		7	50	4	33,3	-	
<b>Epistêmica</b>	–		1	7,15	2	16,7	5	35,7
<b>Deontica/epistêmica</b>	10	100	5	35,7	4	33,3	9	64,3
<b>Total</b>	10	100	14	100	12	100	14	100

**Tabela 02:** Distribuição das ocorrências de *poder* segundo o cruzamento entre *tipo de modalidade* e *tipo de texto*

Como se percebe na tabela 2, o modal *poder* ocorre em todos os tipos textuais. A expectativa era de que seria menos frequente no texto *descritivo* e é isso que se verifica, embora o percentual (20%) não seja tão diferente dos demais. Nesses textos, observou-se o uso do verbo

*poder* em situações em que eram descritos ambientes que pertenciam ao próprio informante (quarto, jardim da casa etc.), como em

(14) [20] O lugar em que eu me sinto infinitamente bem é a minha cama. Este é o lugar onde eu **posso** descansar. É o lugar onde eu **posso** refletir sobre o que fiz. (eF8d)

(15) [27] Eu gosto da minha casa porque nela tem tudo. Eu **posso** jogar futebol, **posso** fazer os deveres, tomar banho de piscina, jogar vôlei.... (fM4d)

Percebemos que ambos os dados permitem interpretação tanto deôntica quanto epistêmica, uma vez que o emprego do verbo *poder* sugere permissão (é permitido aos emissores de (14) e (15) refletirem, pensarem a respeito do que fizeram, além de descansar) e também possibilidade (diante do contexto propício representado pelo quarto e pela casa, é possível que o emissor reflita sobre suas atitudes e, no caso de (15) jogue futebol, faça os deveres etc.). Portanto, (14) e (15) são exemplos de emprego do verbo *poder* que dão margem à interpretação deôntica/epistêmica.

Por mais ‘neutro’ que esse tipo de texto seja em relação aos demais – uma vez que tendemos a acreditar que ele apenas retrate algo ou alguém –, ele dá margem ao surgimento de dados como os que aparecem a seguir, com um certo cunho narrativo e que, portanto, possibilitam o engajamento do falante/escrevente com o que está sendo descrito.

(16) [5] O jardim, né, é a parte que eu mais gosto da minha casa. Quando eu entro, eu **posso** perceber gramas listradinhas... (fF3d)

(17) [6] . ..., eu **posso** perceber também flores, roseiras, orquídeas, tem uma árvore enorme que foi cortada há pouco tempo, em cima dessa árvore a mãe colocou algumas bromélias...(fF3d)

(18) [18] [O meu quarto] é o lugar onde eu **posso** ficar sozinha, fazer moinhas tarefas, descansar... (fF8p)

(19) [19] Minha cama é o lugar onde eu **posso** descansar, assistir TV e sonhar. (eM8p)

(20) [20] O meu quarto é o lugar onde eu **posso** refletir sobre o que fiz e descansar. (eF8d)

Como vemos, além do próprio contexto linguístico em que está inserido o verbo, o tipo de texto também é um importante fator a ser considerado quando analisamos os verbos modais. Isso porque a necessidade de se optar por um ou outro tipo de texto traz consigo diferentes possibilidades de interpretação do verbo. Ao mesmo tempo, o fato de sabermos em que tipo de texto foi utilizado o verbo facilitará a atribuição da interpretação mais adequada possível. Por exemplo, se analisássemos fora do contexto em que foi produzida a frase (19) *Minha cama é o lugar onde posso descansar* (eM8d), teríamos algumas possibilidades de interpretação, tais como:

- 1ª) só é permitido que eu descanse em minha cama;
- 2ª) só consigo descansar em minha cama, em nenhum outro lugar em minha casa;
- 3ª) se eu quiser, descanso em minha cama.

No entanto, o texto descritivo onde ocorreu a frase (19) permite-nos concluir que o verbo empregado conota a liberdade de optar pelo descanso na cama, se o falante assim desejar. Desse modo, assim como aconteceu em outros dados, o que parece ocorrer é uma espécie de multiplicidade de opções de interpretação do verbo *poder*, que se resolve a partir do momento em que se tem conhecimento do contexto.

Os tipos de texto em que mais apareceu o verbo *poder* como modal (*relato de procedimento e opinião*) corroboram o fato de que a modalidade reflete o envolvimento do falante em relação ao que é dito, pois tais textos requerem, em princípio, um comprometimento maior do locutor com o que diz/escreve. No caso do relato de procedimentos, a expectativa que seria o contexto preferencial para o *poder* deôntico foi confirmada, pois é característica desse tipo de texto a função conativa centrada no ouvinte/leitor. Muitas vezes é dada ao interlocutor a oportunidade de decisão quanto ao ingrediente que vai utilizar ou, ainda, quanto às opções que pode escolher para dar continuidade ao procedimento, o que acaba gerando dados como

(21) [49] É um quilo de trigo, meia colher de sal, sete colheres de açúcar, duas colheres de margarina, três colheres de fermento, dois ovos . Aí é opcional, tu *pode* colocar um copo de leite ou um copo de água.  
(fF3m)

- (22) [16] Pegue tudo, bote na panela, deixe esquentar o óleo e quando o recheio tiver bem grosso, começa a grudar na panela, tire, enrole, bote, passe no brigadeiro e **pode** comer. (fF4m)

Em (21), temos um caso de modalidade deôntica envolvendo permissão (modalidade deôntica); mas, e em (22), além da modalidade deôntica temos também a epistêmica, uma vez que, além de existir a permissão para comer o doce, há também a possibilidade de o interlocutor comê-lo (é permitido a ele comer/ é possível que ele coma).

Nos textos *opinativos*, percebeu-se uma tendência ao uso do verbo *poder*, em situações que podem gerar interpretações deônticas (habilidade/capacidade – permissão/obrigação) e epistêmicas, ou apenas epistêmicas. Os dados analisados no *corpus* ilustram o caráter camaleônico de que é provido o modal *poder*, permitindo-lhe que se ajuste a diversas situações comunicativas, tais como

a) advertência/predição/ possibilidade:

(23) [2] Nosso Brasil está com grande avanço de drogas. As drogas são uma coisa muito ruim: *pode* levar até uma pessoa à morte. (fF4o)

(24) [22] Junto à evolução do vídeo game a violência também aumentou. Após alguns crimes, os investigadores concluíram que jogos de video game influenciaram nos crimes. Alguns jogos que influenciavam ou que *podem* vir a influenciar foram proibidos (eM8o)

Nas situações apresentadas, podemos ter uma dupla interpretação deôntica/epistêmica porque, em (23), ‘pode’ tanto revela que as drogas têm capacidade (poder) para levar alguém à morte quanto que o interlocutor sabe que existe a possibilidade de isso acontecer. Do mesmo modo, em (24), o informante mostra que é possível aos jogos influenciarem nos crimes (já que têm essa capacidade) bem como que é possível que eles influenciem nos crimes (há possibilidade de eles influenciarem).

b) conselho/sugestão:

(25) [14] Hoje eu vejo que não é bem assim; as mesmas pessoas que inventam as coisas, inventam querendo melhorar, mas alguns acabam usando isso em guerras, usam essa tecnologia e esse desenvolvimento pra medir forças com países. Também o dinheiro da tecnologia em armas **poderia** ser usado no desenvolvimento de remédios e coisas pra melhorar. (fM3o)

(26) [31] eu não sou religioso, mas tenho minha fé, acho que o homem **pode** mudar e parar de guerrear e aprender que o conhecimento é uma arma forte e inesgotável. (eM3o)

Em (25) temos um caso de interpretação epistêmica do verbo destacado, sugerindo que o falante conclui - e ao mesmo tempo sugere - a partir de certas evidências, que ‘o dinheiro e a tecnologia’ poderiam ser usados para aquele fim. Já em (26), apesar de a situação ser a mesma que observamos em (25) – conselho/sugestão -, o verbo ‘poder’ permite que o interpretemos de maneira deôntica e, ao mesmo tempo, epistêmica. Isso porque, além de o verbo sugerir que o homem tem capacidade (deôntica) para mudar suas atitudes, ele também sugere que há possibilidade de isso acontecer (epistêmica).

A seguir, passei a investigar se havia alguma diferença em relação à fala e à escrita no que diz respeito à ocorrência das três funções modais – deôntica (habilidade/capacidade e permissão/obrigação), epistêmica e deôntica/epistêmica. Os resultados numéricos encontram-se na tabela 3.

Tipo de Modalidade	Fala		Escrita	
	Nº de ocor.	%	Nº de ocor.	%
<b>Deôntica: habilidade/capacidade permissão/obrigação</b>	1	4	2	8
	6	24	5	20
<b>Epistêmica</b>	5	20	3	12
<b>Deôntica/epistêmica</b>	13	52	15	60
<b>Total</b>	25	100	25	100

**Tabela 03:** Distribuição das ocorrências de *poder* segundo o cruzamento entre *tipo de modalidade e fala/escrita*

Os resultados indicam que não houve diferenças significativas entre os textos de fala e de escrita. Houve, antes, um certo equilíbrio na frequência de uso do modal ‘poder’ em suas interpretações deôntica, epistêmica e deôntica/epistêmica. Podemos apenas perceber, ainda,



considerando o número reduzido de ocorrências, um discreto favorecimento da modalidade deôntica/epistêmica em textos escritos e da modalidade epistêmica em textos de fala.

Durante a análise, preocupei-me, também, em observar o sujeito relacionado ao verbo *poder*, quanto à *animacidade*, constatando que a maior frequência de uso desse modal se concentra nos casos em que o sujeito tem traço [+ animado]: 36 dados (72% das ocorrências). Entre as 14 ocorrências com sujeito [-animado], apenas 2 são de modalidade deôntica (permissão/obrigação). Esses resultados condizem, parcialmente, com a observação de Traugott & Dasher (2005) de que o sujeito dos verbos modais é prototipicamente animado, humano e agente; mas que pode também ser não agentivo e não humano. Enfim, embora encontremos uma distribuição frequencial diferenciada, parece que os modais deônticos e epistêmicos não impõem nenhuma restrição seletional sobre o sujeito.

### **3 O *poder* e o ensino de língua portuguesa**

Diante de tantas possibilidades de estudo dos verbos modais, mais especificamente do verbo *poder*, cabe, aqui, uma pequena reflexão acerca do ensino de língua materna. Antes, porém, reportemo-nos brevemente aos PCNs de Língua Portuguesa. Constatamos que o documento propõe dois planos que devem ser trabalhados articuladamente: a) *uso da língua oral e escrita*, que incorpora práticas de escuta e de leitura e práticas de produção de textos orais e escritos; e b) *reflexão sobre a língua e a linguagem*, que incorpora práticas de análise linguística (BRASIL, 1998).

Conforme pretendi evidenciar ao longo do artigo, a questão do uso dos *modais*, para além do caráter morfossintático atrelado à auxiliabilidade verbal, reveste-se particularmente de importância dada a natureza semântico-pragmática da modalidade, concebida como instância que se manifesta na interação verbal, para dar conta dos propósitos comunicativos dos interlocutores. Assim, os múltiplos matizes de significação que se imbricam nos usos polissêmicos de *poder* e, especialmente, os diferentes valores pragmáticos que vão se alternando em função da dinâmica contextual constituem, certamente, um campo fértil tanto para a prática de análise linguística como para a prática de produção textual, conforme propõem os PCNs.

Uma de minhas preocupações no início deste trabalho foi lembrar a diferença entre modo e modalidade. Em geral, ao estudarem os verbos, principalmente no Ensino Fundamental e Médio, os alunos não ouvem falar de algo com o nome de ‘modalidade’ e nem sequer se dão conta de que ela está presente a todo momento em que interagem com outras pessoas. Os professores, por sua vez, acabam restringindo o estudo dos verbos ao que consta nos manuais de gramática tradicional, focalizando o nível morfosintático e esquecendo-se, muitas vezes, de abordar o nível semântico-pragmático.

Uma abordagem funcional, em se tratando dos modais – em especial do *poder* – renderia valiosas discussões, se tomarmos como exemplo as várias possibilidades de uso, os vários sentidos e as várias funções que esse verbo pode assumir, dadas as necessidades comunicativas dos usuários da língua.

Além disso, a coleta de dados feita pelos alunos aliada à análise em sala de aula das possíveis interpretações, certamente suscitaria importantes descobertas no campo dos verbos modais e do *poder*. Resultaria daí, um estudo mais amplo e abrangente da categoria dos modais que acabaria por ‘aposentar’ os famosos ‘quadros dos verbos modais e seus significados’, infelizmente ainda apresentados (quando o são!) nos manuais utilizados em muitas escolas.

## **Considerações Finais**

Acredito que este trabalho tenha evidenciado a importância do contexto para uma adequada interpretação da modalidade. No decorrer da análise, a recorrência ao contexto, seja o co-texto, seja o tipo de texto, permitiu reconhecer, com certa segurança, qual interpretação era mais compatível com o uso. Podemos lembrar, aqui, as palavras de Coracini (1991, p.120): “as modalidades constituem verdadeiras estratégias retórico-argumentativas, na medida em que pressupõem uma intencionalidade discursiva, não podendo ser isoladas do ato de fala em que estão inseridas” (*apud* MOURA NEVES, 2002, p. 204).

Nesta pesquisa, particularmente, foi possível contar não somente com o contexto linguístico, mas também com o conhecimento da situação em que os dados foram produzidos.

Sabia-se o que motivou a construção dos textos: o pedido da entrevistadora (no caso, a autora deste artigo) para que os informantes produzissem os textos oralmente e, depois, por meio da escrita.

A análise realizada mostrou o quanto o verbo *poder* é versátil, sendo capaz de se adaptar a vários contextos, originando diferentes possibilidades de compreensão. Isso parece ir de encontro ao que diz Sweetser (1990) quando afirma que os modais são ambíguos. Na verdade, quando se tem recursos para resolver a ambiguidade, ela desaparece. Nesse caso, o contexto, a situação de interação é uma forte aliada de quem vai interpretar o que quer que seja dito/escrito. As possíveis interpretações que surgem do uso do verbo *poder* não chegam a atribuir-lhe caráter ambíguo, pois não prejudicam a compreensão do enunciado; antes, proporcionam ao leitor/ouvinte diferentes ‘caminhos’ para a interpretação e não diferentes interpretações.

Se retomarmos a questão que originou a pesquisa é possível afirmar que, de acordo como que encontramos nos dados, não estamos diante de um caso de homonímia e nem de ambiguidade, uma vez que a resultante da interpretação não levará o leitor/ouvinte a interpretações diferentes. O que ocorre, na verdade, são duas ‘maneiras’ de se chegar à compreensão do enunciado, que terá, ao final das contas, a mesma interpretação, como no enunciado a seguir:

(27) [2] As drogas são uma coisa muito ruim; *pode* levar até uma pessoa à morte. (FF4o)

O verbo em destaque gera dois caminhos para a interpretação: um deontico e um epistêmico. Assim, teríamos em (i) as drogas têm poder e capacidade para levar uma pessoa à morte e, em (ii), é possível que as drogas levem alguém à morte, se a pessoa não estiver atenta aos perigos que elas representam. Esse tipo de mescla ou fusão caracterizou a maioria dos dados analisados.

Por fim, pode-se dizer que o verbo *poder* apresenta um caráter de inserção ao contexto bastante maleável, pois se adapta a várias situações de uso. Estamos, pois, diante de um verbo ‘camaleônico’, multifuncional, com grande capacidade de adaptação, e não de um caso de homonímia ou ambiguidade.

## Referências

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- COATES, Jennifer. The expression of root and epistemic possibility in English. In.: BYBEE, J.; FLEISCHMAN S. (eds.) *Modality in grammar discourse*. Amsterdam/ Philadelphia: J. Benjamins, 1995, p. 56-66.
- GIVÓN, Talmy. Tense, aspect and modality I.: functional organization. In.: *Syntax – an introduction*. V. 1. Amsterdam /Philadelphia: J. Benjamins, 2001, p. 285 – 335.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 2ed. São Paulo: Cortez, 1987.
- LOBATO, Lúcia M. P. et al. *Análises lingüísticas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Modalidade. In.: I.V. Koch (org.) *Gramática do português falado*. V.VI. 2 ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 2002.
- PIMPÃO, Tatiana Schwochow. *Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática*. (Dissertação de Mestrado). Florianópolis, UFSC, 1999.
- SWEETSER, E. E. Modality. In.: *From etymology to pragmatics: methaphorical and cultural aspects of semantic structures*. Cambridge University Press. 1990, p. 49-75.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs & DASHER, Richard B. The development of modal verbs. In.: *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge U.P., 2005, p. 105-151.
- VIEIRA, Lúcia M. de O. Os modais ‘dever’ e ‘poder’ e o uso de verbos na forma imperativa na construção da argumentação da campanha ‘Amigos da escola’. In: *Letras & Letras*, nº 18(2). Uberlândia, 2002, p. 111-133.

## ANEXO

<b>OCORRÊNCIAS DO VERBO PODER</b>
-----------------------------------

1. Nosso Brasil está com grande avanço de drogas; se todo mundo colaborar, isso tudo **pode** acabar (fF4o)<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup>Os códigos que se encontram entre parênteses significam:

Modalidade de texto: (f) falado, (e) escrito;

Sexo do informante: (M) masculino, (F) feminino;

2. As drogas são uma coisa muito ruim; **pode** levar até uma pessoa à morte. (fF4o)
3. se eu soltasse, eu **poderia** me machucar... (fM4p)
- 4....pois as pessoas não se conscientizam do que as drogas **podem** representar em sua vida. (eF8o)
5. Quando eu entro, eu **posso** perceber gramas listradinhas... (fF3d)
6. ..., eu **posso** perceber também flores, roseiras. (fF3d)
7. ... aí é opcional, tu **pode** colocar um copo de leite... (fF3m)
8. O barulho do mar, o vento, a clamaria me trazem muita paz, onde **posso** pensar nos meus problemas...(eF3d)
9. ... entrou no depósito onde só **podia** entrar empregados...(fM3p)
10. Mexendo nas peças onde não **podia** mexer. (eM3p)
11. É jogado por duas pessoas. Cada uma tem uma chance de apagar os riscos que só **podem** ser apagados de uma só coluna.(eM3m)
12. ...tecnologia biológica que **poderia** ser usada.. (fM3o)
13. O dinheiro que é usado nessa pesquisa biológica **poderia** ser usado no desenvolvimento de remédios (fM3o)
14. Também o dinheiro da tecnologia em armas **poderia** ser usado nesses mesmos países que estão em guerra. (fM3o)
15. Meu quarto é o melhor lugar onde eu **posso** estudar. (eF4d)
16. ... enrole, passe no granulado e **pode** comer (fF4m)
17. Eu moro com a minha família, as pessoas que eu **posso** confiar... (eM8p)
18. É o lugar onde eu **posso** ficar sozinha. (fF8p)
19. Minha cama é o lugar onde eu **posso** descansar. (eM8p)
20. É o lugar onde eu **posso** refletir. (eF8d)
21. [em minha casa] ... o melhor é que eu **posso** fazer isso quando quiser. (eM8p)
22. ... alguns jogos que influenciavam ou que **podem** vir a influenciar foram proibidos. (eM8o)
23. É impressionante como uma guerra **pode** ser feita. (eM3o)
24. ...quando ele notou que tava num lugar que não **podia**, tava todo mundo olhando pra ele. (fM3p)
25. ... o cômodo de minha casa que mais gosto é o meu quarto por eu **poder** ficar lá (fM8d)
26. ... **poder** ler minhas coisa (fM8d)
27. Eu gosto da minha casa porque nela tem tudo. Eu **posso** jogar futebol... (fM4d)
28. ... **posso** fazer os deveres (fM4d)
29. Se eu soltasse eu **poderia** me machucar que eu ia me arrastar no chão (eM4p)
30. Se tu começa a ler, tu **pode**, tu tem a tendência a continuar a ler. (fF3m)
31. ... acho que o homem **pode** mudar e parar de guerrear. (eM30)

32. ... o outro pegava todo o ar que **podia**. (fM3p)
33. ... as limitações que os clientes tinham na loja, como não **poder** entrar atrás do balcão. (eM3p)
34. **Pode** ser feito assim, no quadro, riscado com giz. (fM3m)
35. Então não **pode** apagar um coluna inteira de cada vez. (fM3m)
36. **Pode** apagar quantos quiser... (fM3m)
37. ...mas não **pode** apagar a tela inteira. (fM3m)
38. Vou ensinar um jogo que **pode** parecer bobo. (eM3m)
39. ... riscos, que só **podem** ser apagados de uma só coluna (eM3m)
40. não se **pode** mexer em duas colunas (eM3m)
41. **Pode-se** apagar todos os riscos. (eM3m)
42. ...outras coisas que usadas de maneira consciente **podem** fazer o bem. (eM3o)
43. ...esse dinheiro gasto em armas **poderia** ser usado para combater a fome. (eM3o)
44. Ele **pode** ver que ela dormia tranquilamente. (eF8r)
45. Eu **posso** dizer que sei fazer um bom bolo de nega maluca. (eF8m)
46. As pessoas não se conscientizam do que as drogas **podem** representar na sua vida. (eF8o)
47. ... tem que ser falado porque tem pessoas que não se conscientizam que ela [a droga] **pode** acabar com sua vida.(fF8o)
48. **Pode-se** caminhar entre as gramíneas... (eF3d)
49. Aí é opcional, tu **pode** colocar um copo de leite, um copo de água... ((fF3m)
50. **Pode-se** concluir que enquanto houver divisão de classes... (eF3o)